



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS
SOLIDÁRIOS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM
ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO

JAQUELINE SILVA NASCIMENTO

COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA:
DIAGNÓSTICO DE PRÁTICAS NA COOPERATIVA DE PRODUÇÃO ARTESANAL DO
CUIUIÚ

Cuité - PB

2017

JAQUELINE SILVA NASCIMENTO

COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA:
DIAGNÓSTICO DE PRÁTICAS NA COOPERATIVA DE PRODUÇÃO ARTESANAL DO
CUIUIÚ

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Educação de Jovens e Adultos
com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido
Paraibano, como pré-requisitos para a obtenção
do título de Especialista.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos

Cuité - PB

2017

UFMG/BIBLIOTECA



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

N244c Nascimento, Jaqueline Silva.

Cooperativismo e Economia Solidária: Diagnóstico de práticas na Cooperativa de Produção Artesanal do Cuiuiú. / Jaqueline Silva Nascimento. – Cuité: CES, 2017.

54 fl.

Monografia (Especialização em educação de jovens e adultos com ênfase em economia solidária no semiárido paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFCEG, 2017.

Orientadora: Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos.

1. Economia solidária. 2. Cooperativismo. 3. Desafios. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCEG

CDU 330.873

JAQUELINE SILVA NASCIMENTO

COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA:
DIAGNÓSTICO DE PRÁTICAS NA COOPERATIVA DE PRODUÇÃO ARTESANAL DO
CUIUIÚ

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisitos para a obtenção do título de Especialista.

Aprovada em 31 de Maio de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^ª. Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande (Cuité)

Prof^ª. Dra. Letícia Caporlândia Giesta (Titular – Interno)
Universidade Federal de Campina Grande (Cuité)

Prof. Dr. José Carlos Oliveira Santos (Titular – Interno)
Universidade Federal de Campina Grande (Cuité)

UFMG/BIBLIOTECA

Este Trabalho de Conclusão de Curso é dedicado a minha filha, Bianca Nascimento Martins, que é a minha vida e a razão da minha existência.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo em todas as fases dos meus estudos e durante toda minha vida, apesar da distância que nos separa.

Ao meu esposo Edilson e a minha filha Bianca, pela necessidade de me ausentar em tantos sábados consecutivos.

A minha sogra Graça, pela ajuda em todos os sábados com minha filha.

Às minhas irmãs, Joanita e Joelma, que amo de paixão.

Aos amigos, Gabriela Pontes, Maria de Lourdes e Everaldo Mendonça, pela união e amizade que desenvolvemos em todas as nossas aulas e trabalhos.

Aos demais colegas da turma, foi muito bom conhecê-los.

Ao presidente e todos os integrantes da Cooper Cuiuiú, pelas informações cedidas e pela atenção que a mim foi dada.

Aos professores e colegas que colaboraram com as diversas discussões sobre a prática da Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, principalmente a minha orientadora Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos e aos professores: Dra. Leticia Caporlândia Giesta e Dr. José Carlos Oliveira Santos que se dispuseram a fazer parte desta banca.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização deste trabalho.

UFPE/BIBLIOTECA

RESUMO

O contingente populacional da Comunidade do Cuiuiú, município de Barra de Santa Rosa, Paraíba, está a cada dia, ficando mais deserta, por causa de várias condições existentes, principalmente com a escassez de chuvas. Devido a isso, muitos jovens deixam suas casas e procuram grandes centros urbanos para tentarem uma vida melhor, um trabalho e assim poder ajudar os pais e familiares. O presente trabalho de pesquisa procura diagnosticar práticas cooperativistas e de economia solidária na Cooperativa Centro Artesanal Cuiuiú conhecendo toda a trajetória e desenvolvimento da mesma por meio de uma análise das características dos cooperados e suas práticas diárias na cooperativa explorando os desafios encontrados e o sucesso alcançado com a produção artesanal de artefatos com cordas de sisal. O trabalho faz menção à necessidade de geração de renda na localidade, renda esta que é conquistada de uma forma igualitária, justa e sem explorar uns aos outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem. Procuraremos explicitar um breve histórico da cooperativa, enfatizando pontos que são necessários para o desenvolvimento deste, como a Economia Solidária e o Cooperativismo. Serão expostos os resultados da pesquisa feita com os associados da cooperativa e por meio da entrevista com o presidente da mesma, atrelando as informações para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho. A contribuição que este trabalho procurou oferecer é que a economia solidária e o cooperativismo são praticados em muitos empreendimentos informais de um modo implícito, onde a grande parte das pessoas que compõem determinadas associações ou cooperativas não têm em mente a definição de Economia Solidária, mas que usam todas as práticas e os princípios da mesma. As práticas diárias da cooperativa se assemelham a práticas de economia solidária e de cooperativismo e conseguimos perceber através de como eles fazem as divisões de trabalho, as confecções e o empacotamento para envio dos produtos para a venda, de acordo com o que foi respondido nos questionários aplicados.

Palavras-Chave: Economia Solidária, Cooperativismo, Desafios.

ABSTRACT

The population of the community of Cuiuiú, municipality of Barra de Santa Rosa, Paraíba, is becoming more and more deserted, due to several existing conditions, mainly due to the scarcity of rainfall. Because of this, many young people leave their homes and seek out large urban centers to try a better life, a job and thus be able to help parents and family. This research aims to diagnose cooperative and solidarity economy practices in the Cooperativa Centro Artesanal Cuiuiú knowing the whole trajectory and development of the same through an analysis of the characteristics of the cooperative and their daily practices in the cooperative exploring the challenges encountered and the success achieved with the Production of artifacts with sisal ropes. The work makes mention of the need to generate income in the locality, an income that is earned in an egalitarian, just and without exploiting each other, without wanting to take advantage without destroying the environment. Cooperating, strengthening the group, each thinking for the good of all and for the good. We will try to explain a brief history of the cooperative, emphasizing points that are necessary for its development, such as the Solidarity Economy and Cooperativism. The results of the research done with the members of the cooperative and through the interview with the president of the cooperative, will be exposed, linking the information for the development and conclusion of this work. The contribution that this work sought to offer is that solidarity economy and cooperativism are practiced in many informal enterprises in an implicit way, where the great part of the people that make up certain associations or cooperatives do not have in mind the definition of Solidary Economy, but that they use All the practices and principles of it. The daily practices of the cooperative are similar to practices of solidarity economy and cooperativism and we can perceive through how they make the divisions of work, the confections and the packaging to send the products for sale, according to what was answered in the applied questionnaires.

Keywords: Solidarity Economy, Cooperativism, Challenges.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

LISTA DE ABREVIATURAS

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

PEASA – Programa de Estudos e Ações para o Semiárido

GPA – Grupo Pão de Açúcar

OCB – Organização das Cooperativas do Brasil

PaqTcPB – Fundação Parque Tecnológico da Paraíba

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas e Médias Empresas

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Etiquetas dos Produtos da Cooperativa	19
FIGURA 2 - Cooperativa Centro Artesanal Cuiuiú	20
FIGURA 3 - Motor de Agave da Cooperativa	21
FIGURA 4 - Peças Confeccionadas na Cooperativa	22
FIGURA 5 - Mulheres e Jovens Fazendo a Etiquetagem e Empacotamento das Peças	32
FIGURA 6 - Entrevista com o Presidente da Cooperativa.	33

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Idade dos Cooperados	27
GRÁFICO 2 - Sexo dos Cooperados	27
GRÁFICO 3 - Estado Civil dos Cooperados	28
GRÁFICO 4 - Pessoas que Moram com os Cooperados	28
GRÁFICO 5 - Nível de Instrução dos Cooperados.....	28
GRÁFICO 6 - Condições Socioeconômicas dos Cooperados	28
GRÁFICO 7 - Renda Familiar Mensal dos Cooperados.....	29
GRÁFICO 8 - Renda Individual Mensal dos Cooperados.....	29
GRÁFICO 9 - Trabalho dos Cooperados.....	29
GRÁFICO 10 - Em que Trabalham Atualmente	30
GRÁFICO 11 - Quantidade de Tempo que Integra a Cooperativa (em anos).....	30
GRÁFICO 12 - Recebeu Todas as Informações da Cooperativa ao se Associar	30
GRÁFICO 13 - A Cooperativa Cumpre as Finalidades para as quais foi Criada	31
GRÁFICO 14 - Há Reuniões Periódicas.....	31
GRÁFICO 15 - Houve Capacitação para Aperfeiçoamento e Confeção de Produtos	31
GRÁFICO 16 - Há um Responsável Pelas Finanças	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 Economia Solidária.....	13
2.1.1 Características da Economia Solidária.....	14
2.1.2 Empreendimentos de Economia Solidária	15
2.2 Cooperativismo.....	16
2.3 Artesanato no Brasil e no Nordeste	17
2.4 Programas Caras do Brasil.....	18
2.5 Aspectos Históricos da Cooperativa do Cuiuiú ..	20
3 METODOLOGIA	24
3.1 Natureza da Pesquisa	24
3.2 Descrições das Atividades Desenvolvidas	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
5 CONCLUSÕES	34
6 REFERÊNCIAS	36
APÊNDICES	
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por prioridade fazer um diagnóstico de práticas de Economia Solidária na Cooperativa de Produção Artesanal do sítio Cuiuiú, localizado a 7 km do centro urbano do município de Barra de Santa Rosa, PB, desenvolvidas por jovens e mulheres da comunidade através de inovação tecnológica e de capacitação, garantindo ocupação, meios de subsistência e com um ganho para suas famílias se sustentarem. A matéria-prima utilizada para este fim é o sisal, fibra extraída do agave, planta característica da região e de baixo custo.

A produção artesanal na nossa região é pouco valorizada, pois poucos acreditam no sucesso, na beleza e no valor que este trabalho tem, principalmente, quando se trata de materiais extraídos da nossa região.

Na região de Barra de Santa Rosa, há décadas atrás, a produção do sisal era uma das principais fontes de renda da região, porém, foi regredindo com o passar dos anos, com a mudança climática e o pouco valor atribuído a ele. Edna Santos cita que:

O sisal (ou agave) é uma cultura importante para a região semiárida por ser tolerante à seca e se adaptar bem a solos de baixa fertilidade. A Bahia é o principal produtor brasileiro, com 95% da produção nacional, seguida pela Paraíba, com 4%. A atividade promove a ocupação de cerca de 700 mil pessoas, direta e indiretamente. (SANTOS, 2013)

O cooperativismo é uma atividade que tem como uma de suas prioridades a coletividade, prevalecendo a gestão democrática, com finalidade econômica e não lucrativa. É um movimento visto como uma alternativa socioeconômica que busca o êxito de um grupo de uma forma equilibrada e justa entre os participantes.

Se referindo à economia popular, sabemos que ela trata de um certo público, que engloba pessoas omissas, instruídos ou não dos meios de evolução de tecnologias, dos programas sociais, da distribuição de renda e do sistema econômico.

Para quebrar a ideia do capitalismo, chega a Economia Solidária que além de ser um movimento econômico, é fundamental que esteja interligado a outros movimentos sociais que tentem por melhorias de qualidade de vida da população em geral.

A Economia Solidária é uma alternativa entre o trabalhador e os seus meios de produção. De acordo com Gaiger (2003), propicia uma experiência profissional de outro tipo, baseada em parâmetros de equidade e de dignidade. Do ponto de vista humano, o trabalhador é mais valorizado na prática da Economia Solidária.

Assim, pode-se afirmar que o cooperativismo e economia solidária têm objetivos comuns quando se referem às atividades praticadas em determinadas comunidades e que, de

alguma forma, envolvem grupos de trabalhadores com prioridades parecidas que, na verdade, procuram pelo sustento da família.

O presente trabalho se divide em: introdução, explicitando a problemática e os objetivos; referencial teórico com informações sobre a Economia Solidária e suas vertentes, mostrando algumas definições de cooperativismo e princípios cooperativistas; uma pequena síntese sobre o artesanato no Brasil e no Nordeste; algumas informações sobre o Programa Caras do Brasil; e um breve histórico sobre a Cooperativa; trazemos, também, a metodologia utilizada e as atividades desenvolvidas em todo o percurso da pesquisa, os resultados e as conclusões.

Neste sentido, analisaremos, através de entrevistas, as práticas de economia solidária desenvolvidas por jovens e mulheres da comunidade, que têm como ocupação, sustento e fonte de renda a produção de artefatos de cordas de sisal trançadas na cooperativa de produção artesanal do Cuiuiú, Barra de Santa Rosa, PB. Com o intuito de conhecer os desafios encontrados e o sucesso alcançado em toda a trajetória, explorar o cooperativismo com conceitos de economia solidária, analisar e diagnosticar as características dos cooperados e suas práticas diárias na cooperativa particularmente referenciada na ideia da Economia Solidária desde a abertura e funcionamento, até o momento em que se encontram atualmente.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ECONOMIA SOLIDÁRIA

A Economia Solidária é um modo de produção equiparável ao capitalismo e seus princípios principais são: a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual que opõem-se aos princípios do capitalismo: propriedade privada e acúmulo de capital). A igualdade e a solidariedade são os frutos da Economia Solidária (SINGER, 2002). Assim, a produção necessita de uma organização na distribuição da renda. Nesse sentido, os trabalhadores se unem para trabalhar e produzir, a renda arrecadada é repartida em partes iguais e distribuída entre todos. As decisões da cooperativa são tomadas através de reuniões e de um consenso entre todos.

Conforme (OLIVEIRA, 2017):

Os princípios gerais que norteiam a ideia da Economia Solidária são: a valorização social do trabalho humano; o reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade; a busca de uma relação de intercâmbio respeitosa com a natureza, e os valores da cooperação e da solidariedade, um caminho que valoriza os seres humanos, independente da sua cor de pele, sexo, idade, orientação sexual, condição econômica ou cultural. (OLIVEIRA, 2017)

Com essa nova forma de economia, uma nova perspectiva surge para uma construção de um mundo mais solidário trazendo o homem como o ponto principal para que ela aconteça. Sem necessidade de trabalhar para atingir metas e conseguir a ascensão da economia de mercado.

A sua ascensão no Brasil se deve a diversos fatores, entre eles se destaca a resistência de trabalhadoras e trabalhadores com a desigualdade social que a cada dia aumenta e assola a classe dos menos favorecidos e principalmente com o desemprego. A luta pelos direitos e pela sobrevivência são o modo de resistência que surgem e, na maioria das vezes, acontecem individualmente ou em grupos. Todos lutam por igualdade, solidariedade e divisão justa de valores arrecadados.

A economia popular se refere a um determinado público, que abrange pessoas menos favorecidas e que enfrentam problemas sociais como o desemprego por exemplo. Ela prioriza a solidariedade de iniciativa popular, valorizando o trabalho humano. A solidariedade que é praticada neste caso se resume em autoajuda, união, cooperação, coletividade, entre outros.

Singer (2000) considera que a Economia Solidária é uma forma de luta dos trabalhadores menos favorecidos contra o desemprego e a exclusão social:

A construção da economia solidária é uma destas outras estratégias. Ela aproveita a mudança nas relações de produção provocada pelo grande capital para lançar os

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

alicerces de novas formas de organização da produção, à base de uma lógica oposta àquela que rege o mercado capitalista. Tudo leva a acreditar que a economia solidária permitirá, ao cabo de alguns anos, dar a muitos, que esperam em vão um novo emprego, a oportunidade de se reintegrar à produção por conta própria individual ou coletivamente... (SINGER, 2000, p. 138)

No entanto, este modelo é seguido atualmente por diversas cooperativas e associações, por pessoas necessitadas e menos favorecidas na sociedade. E percebemos que é um meio de dar oportunidades e elevar a renda destas pessoas como meio de sobrevivência e sustento. Trabalhando desta forma, estas pessoas encontram melhores condições de sobrevivência e de uma forma igualitária quanto aos demais componentes da cooperativa, pois como a renda é dividida por igual, não há motivos para questionamentos após a produção e faturamento dos objetos produzidos e comercializados.

A Economia Solidária é trabalhada na cooperativa do Cuiuiú de uma forma implícita, pois a prática é encontrada em várias atividades desenvolvidas na mesma, desde a divisão de tarefas até a arrecadação de valores que lhes é dado após a venda dos produtos. Pelas conversas formais e informais no desenvolvimento da pesquisa com algumas pessoas que a compõe, consegue-se perceber claramente o gosto e a vontade de todos os que fazem parte e o desejo de continuar. É uma renda complementar que faz muita diferença para suas casas.

Paul Singer cita que a economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual (SINGER, 2002).

2.1.1 CARACTERÍSTICAS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

As características da Economia Solidária são a cooperação, a autogestão, dimensão econômica e solidariedade.

A cooperação prioriza a coletividade, buscando resultados positivos por parte das organizações de grupos de pessoas que lutam sempre por melhorias em suas vidas e para seus familiares, objetivando interesses comuns e com união. Agrega trabalhadores, jovens, mulheres, clubes de trocas, associações, entre outros.

Na autogestão, não há um “patrão”, pois todos os participantes estão a par de tudo o que ocorre nas práticas diárias e nas atividades desenvolvidas por eles. Uma contribuição essencial é o apoio ofertado por entidades com cursos de aperfeiçoamento, dando assistência, orientando como prosseguir e mostrando a grande importância que todos têm para o desenvolvimento e fortalecimento do grupo.

A dimensão econômica se baseia no empenho dos participantes para a produção, venda e consumo consciente dos produtos, valorizando vários aspectos (sociais, culturais e ambientais) que são necessários para uma viabilidade econômica.

Conforme o site www.ecosolbasebrasil.com.br (2017), temos que:

O caráter de solidariedade nos empreendimentos é expresso em diferentes dimensões: na justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; no compromisso com um meio ambiente saudável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação com o bem estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras. (www.ecosolbasebrasil.com.br, 2017)

Assim, com estas características, percebe-se que a economia solidária se desenvolve de uma forma sustentável, com geração de trabalho e renda e respeitando a natureza. A renda arrecadada é compartilhada pelos participantes de uma forma justa sem diferenciação quanto a sexo, idade ou cor da pele e, principalmente, valorizando o trabalho humano sem qualquer exploração.

2.1.2 EMPREENDIMENTOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

Os empreendimentos econômicos solidários no Brasil se organizam com a preocupação principal de gerar trabalho e renda. Na sua funcionalidade, apresentam uma forte conotação de autogestão, na qual descobrem seus limites e suas potencialidades numa ação que une esforços no agir coletivo para a repartição do poder, dos ganhos e posse dos bens. Apesar da moderna vida urbana e industrial imprimir relações e práticas mais despersonalizadas com sua capacidade de desfazer laços sociais e deteriorar os sentimentos de solidariedade e de cooperação, a prática da solidariedade e da cooperação está presente em boa medida na vida cotidiana desses empreendimentos.

São empreendimentos que priorizam a coletividade e têm fundamental importância no desenvolvimento de determinadas regiões mesmo pequenas, que utilizam capital próprio mesmo que sejam pequenos. São estáveis se referindo ao quadro de associados. A organização e a gestão ocorrem da forma mais simples possível e os casos mais burocráticos são resolvidos pelos associados mais experientes e com durabilidade maior no empreendimento. Mesmo com pouco dinheiro, os valores arrecadados vão sendo investidos em equipamentos de trabalho.

Nasceram e estão se mantendo com recursos próprios, que se desencadearam de poupanças enquanto trabalhavam, já com perspectivas em algum investimento futuro e sem endividamento. CULTI (2010) defende que:

Na linha da diferenciação, também é preciso lembrar que os empreendimentos econômicos atuam praticando a cooperação, solidariedade e autogestão. Embora sejam aspectos de difícil operacionalidade, nesse tipo de empreendimento pode ser o que vem proporcionando a sua maturidade, fortalecimento e permanência no mercado, visto que o trabalho associado é uma força produtiva peculiar e decisiva. (CULTI, 2010)

Com isso, esses empreendimentos de economia solidária funcionam dentro de um consenso diferenciado com eficiência, de uma forma abrangente que além do financeiro, eleva o sentimento pessoal, a autoestima, a vontade e o gosto de trabalhar de todos os participantes, entre outros. Proporcionando autonomia, liberdade de expor seus ideais e sem privações de apresentar suas ideias para o crescimento do coletivo com muito empenho e dedicação. Nesta mesma lógica, Maria Nezilda (2010) defende a perspectiva de que:

Estamos discorrendo sobre benefícios sociais que proporcionam bem-estar, cidadania e também boas perspectivas de essas atividades econômicas crescerem e provocarem efeitos benéficos ao ponto de se transformarem numa economia mais forte e integrada, contribuindo para a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento sustentável do próprio empreendimento e do seu entorno. (CULTI, 2010)

A cooperativa do Cuiuiú se assemelha a um empreendimento de economia solidária, pois o método de trabalho dos associados tem todas as características citadas acima. Eles prezam o bem-estar social deles na comunidade, valorizando a cultura local, a matéria-prima da região e sempre trabalham em conjunto, unidos, com respeito e de uma forma que todos ficam satisfeitos.

2.2 COOPERATIVISMO

De acordo com a Organização das Cooperativas do Brasil (OCB, 2002), o cooperativismo é um movimento e modelo socioeconômico que tem por prioridade unir o desenvolvimento econômico e o bem-estar social, levando em consideração a participação democrática, a solidariedade, a independência e a autonomia. É o sistema que projeta a integração de pessoas e não a lucratividade, ele tem por finalidade valorizar os anseios do grupo e não do lucro. Busca o sucesso de todo o grupo e não o individual. Assim, o Cooperativismo é uma atividade socioeconômica que traz bons resultados para determinados grupos ou associações de uma forma proporcional, igualitária e justa.

O cooperativismo respeita o desenvolvimento do homem em todos os seus princípios, sejam eles econômicos, sociais ou culturais. É um modelo de cooperação que surge junto com o capitalismo, mas é um sistema que aceita a opinião dos trabalhadores, atendendo as necessidades, priorizando a participação em todos os momentos e decisões, com justiça e democracia para todos.

Fróes (2001) complementa afirmando que “o cooperativismo é um sistema democrático e que possui como fator essencial alcançar a formação do homem participante da cooperativa”.

Para North e Rivas (2008) o conceito tradicional de cooperativismo refere-se a projetos e programas cooperativos como aqueles que, em maior ou menor medida, o objetivo é melhorar a condução orientada ao conhecimento fazendo que diferentes pessoas colaborem com seus recursos para combinar e elaborar temas, para que com menor custo, se possa obter melhores soluções para resolver a totalidade dos problemas.

A Cooperativa Centro Artesanal Cuiuiú foi criada em 1996, foi um grande avanço para a comunidade, pois a partir daí a tradição “sisaleira” foi renovada e incorporou a produção de peças com maior valor agregado através do apoio do PEASA(UFCG), do SEBRAE, do PacTecPB e o Governo do Estado da Paraíba, onde com o acompanhamento e cursos de aperfeiçoamento melhorou o entendimento e a organização dos cooperados, de um modo a trabalharem com melhores condições em prol de um bem estar para seus familiares sendo ainda mais valorizados, uma vez que, de cordeiros, com este acompanhamento, passaram a ser artesãos.

Atualmente, muitos trabalhadores, que por falta de oportunidades foram excluídos do mercado formal de trabalho procuram se estruturar em grupos informais, associações, cooperativas, entre outros, com o intuito de buscar novas oportunidades de geração de renda. Esse modo de geração de renda implica em alcançar novas metas, a partir da união de várias pessoas com objetivos e necessidades comuns a lutarem por melhores condições de trabalho e de acordo com seus anseios. Na Cooperativa Centro Artesanal Cuiuiú acontece desta maneira, buscando sempre melhorias para a comunidade de uma forma geral.

2.3 ARTESANATO NO BRASIL E NO NORDESTE

De acordo com o site www.programaartebrasil.com.br (2016),

Os primeiros artesãos surgiram no período neolítico (6.000 A. C.) quando o homem aprendeu a polir a pedra, a fabricar a cerâmica e a tecer fibras animais e vegetais. No Brasil, o artesanato também surgiu neste período. Os índios foram os mais antigos artesãos. Eles utilizavam a arte da pintura, usando pigmentos naturais, a cestaria e a

cerâmica, sem esquecer a arte plumária como os cocares, tangas e outras peças de vestuário feitos com penas e plumas de aves. (www.programaartebrasil.com.br, 2016)

Muitas comunidades utilizam o artesanato como um meio de subsistência, onde a partir de suas produções, comercializam e arrecadam renda para comprar seus produtos essenciais do dia-a-dia. O artesanato integra o folclore e define várias características de determinadas regiões. Uma das mais significativas atrações turísticas no Nordeste é o artesanato, uma cultura rica que mostra a criatividade e a representação do povo. Com o passar dos anos, esta cultura vai passando a ser caracterizada como uma atividade econômica, ajudando muitas pessoas, que têm suas produções como fonte de renda.

Conforme VAINSENER (2016), o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato, um projeto do Ministério do Trabalho, trouxe novas perspectivas profissionais, econômicas e sociais para os artesãos. Estes possuem, hoje, uma série de direitos: profissão reconhecida, assistência previdenciária, associação em cooperativas, isenção de tributos e autorização para expor e vender produtos em feiras e mercados.

O artesanato no Cuiuiú é uma atividade na qual os produtores se empenham para a produção de suas peças. Têm muito orgulho da atividade que fazem e procuram cada vez mais melhorias para a comunidade, para assim terem uma “profissão”, muitos classificam como um trabalho, pois a partir dele, conseguem mais dinheiro e ajudam no sustento da família de todos os envolvidos através do artesanato com sisal, praticando o cooperativismo em todos os eixos.

Por outro lado, alguns cooperados mesmo com o desejo de continuidade na produção não se detêm apenas ao artesanato, pois pensam em crescer profissionalmente. Como exemplo, uma artesã associada à cooperativa que cursa o ensino técnico em saúde bucal para se preparar para o mercado de trabalho, porém sem pretensão de abandonar o artesanato e assim mostra a importância de ser resiliente para enfrentar desigualdades sociais, como cita Gabriela Pontes (2017):

O indivíduo que tem êxito na interação social é capaz de relacionar-se com os outros e com o ambiente. Ao se comportar de forma positiva frente aos obstáculos e ao meio social, as pessoas mais resilientes são determinadas e persistentes quando algo não sai como o planejado, pois a autoestima faz com que elas sintam-se satisfeitas consigo. Em contrapartida a isso, os menos resilientes têm um sentimento negativo sobre si, são mais contidos e ficam estagnados socialmente; não “saem do casulo” e são menos propensos à criação e realização de projetos. (PONTES, 2017, p. 28)

2.4 PROGRAMA CARAS DO BRASIL

O Programa Caras do Brasil é desenvolvido pelo Grupo Pão de Açúcar (GPA) e tem por finalidade valorizar a rica cultura local de diversas localidades do Brasil com a

comercialização de produtos alimentícios e artesanais (sustentáveis), que não degradam o meio ambiente e são produzidos por pessoas que lutam contra os problemas sociais e buscam complemento de renda dando possibilidades de pequenas associações venderem seus produtos a grandes mercados.

Esta ação tende a fortalecer a sustentabilidade no País, com uma elevação na economia e como fonte de renda a pessoas menos favorecidas, com produtos desenvolvidos com matéria prima natural possibilitando crescimento, aprimoramento e profissionalismo em suas produções.

Se referindo aos produtores que se beneficiam com o Programa Caras do Brasil,

(...) os principais beneficiários são os pequenos produtores, porém empresas melhor organizadas e estabelecidas podem participar do Programa, desde que respeitados os limites de fornecimento de seus produtos e tendo como base a capacidade produtiva dos projetos comunitários, de acordo com os critérios do GPA / Programa Caras do Brasil. (www.carasdobrasil.com.br, 2017)

Na comunidade do sítio Cuiuiú este programa serviu como um modo de elevação da autoestima dos artesãos das cordas e utilitários feitos com o sisal, pois se sentem maravilhados por seus produtos estarem expostos e comercializados em grandes centros urbanos no grupo Pão de Açúcar. O GPA envia as etiquetas (Figura 1) para a cooperativa com o intuito de que as peças construídas na comunidade já cheguem aos destinos prontas e etiquetadas para as vendas.

Figura 1: Etiquetas dos Produtos da Cooperativa



Fonte 1: Acervo Jaqueline Nascimento (2016)

Sobre as prioridades do Programa quanto aos trabalhadores, o site www.carasdobrasil.com.br (2017) deixa claro que:

O 'Caras do Brasil' prioriza valores sociais, econômicos e ambientais, tais como, valorização da cultura brasileira, fixação das pessoas em seus locais de origem, rejeição ao trabalho escravo e/ou infantil, repúdio a qualquer tipo de discriminação, respeito às características e capacidade produtiva dos fornecedores, eliminação de intermediários (atravessadores), geração de renda, canal de venda para produtos

sustentáveis, uso sustentável da biodiversidade, estímulo à preservação do meio ambiente, estímulo à reciclagem, entre outros. (www.carasdobrasil.com.br, 2017)

2.5 ASPECTOS HISTÓRICOS DA COOPERATIVA

“A comunidade Cuiuiú está localizada a 7 km do centro urbano do município de Barra de Santa Rosa, interior da Paraíba – Brasil. A origem do seu nome vem do Tupi, provavelmente, derivada do nome de um peixe do rio que corta a comunidade” (www.coopercuiuiu.com.br, 2016).

Há algumas décadas, a comunidade tem a fabricação artesanal de cordas de sisal como sua principal fonte de renda, atividade esta que ajuda no sustento das famílias residentes lá, mas que não supre em todas as necessidades e não assegura que tenham uma qualidade de vida boa com a renda arrecadada.

Com a assistência da Universidade Federal de Campina Grande-PB, por meio do Programa de Estudos e Ações para o Semiárido-PEASA, a comunidade passou a enxergar outras vertentes, principalmente com a valorização de suas cordas na técnica de confecção, pois o processo de formações e capacitações para aperfeiçoamento lhes trouxe novas oportunidades, melhorando e aprimorando ainda mais suas fabricações do artesanato de sisal. No início, a cooperativa (FIGURA 2) foi criada por um grupo reduzido, constituído de jovens e mulheres, que até então eram denominadas de cordeiras e fabricavam cordas em suas casas para auxiliar na renda da família e tem como matéria-prima o sisal, cultivado na comunidade e em comunidades vizinhas.

Figura 2 - Cooperativa Centro Artesanal Cuiuiú



Fonte 2: Foto do site www.coopercuiuiu.com.br (2016)

Devido a estiagem, a produção do sisal na região diminuiu muito e segundo o agricultor José Freire dos Santos, atual presidente da cooperativa, também conhecido como Sr. Duda, têm dias que é necessário recorrer às cidades vizinhas para a compra, pois como a demanda de construção dos utilitários aumentou, a necessidade da matéria-prima também. Alguns artesãos produzem a fibra no “motor de agave” (FIGURA 3) e confeccionam suas próprias cordas para a construção dos utilitários.



Fonte 3: Acervo Jaqueline Nascimento (2016)

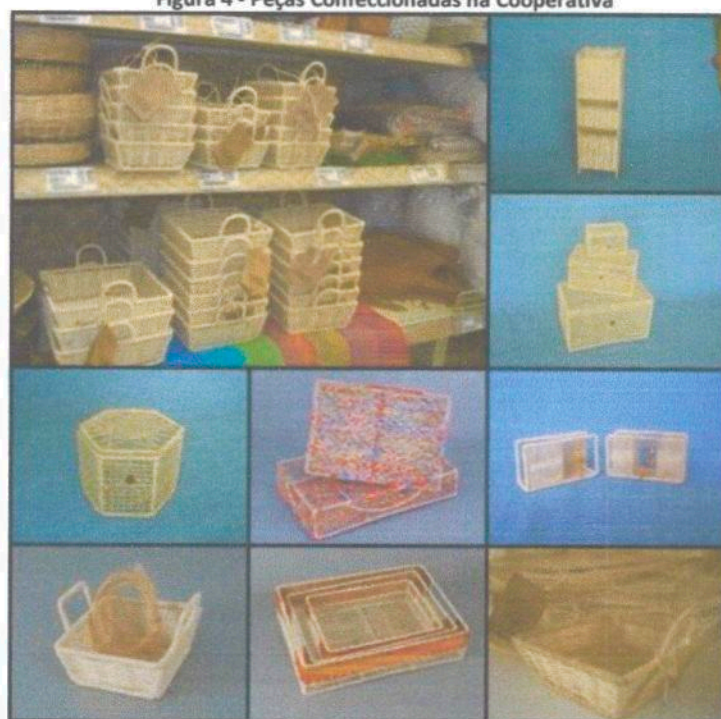
Na comunidade do Cuiuiú, artesãos se dedicam desde o ano 2000 no artesanato de sisal. O trabalho é totalmente manual e resulta em belas peças como: luminárias, fruteiras, porta-guardanapos, porta-cartões, jogo americano, entre outros. A expectativa é aumentar ainda mais a produção e gerar renda para a comunidade.

Cuiuiú é um exemplo do Brasil Rural Contemporâneo. Durante décadas, a principal fonte de renda da comunidade – e de Barra de Santa Rosa, um dos maiores produtores de sisal da Paraíba – foi a produção artesanal de cordas de fibra de sisal. (...) A realidade começou a mudar com a parceria firmada em 1997 entre o Programa de Estudos e Ações do Semiárido Paraibano (PEASA), a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a Fundação Parque Tecnológico e o Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas e Médias Empresas (Sebrae). Com inovação tecnológica e capacitação de jovens e adultos, a tradição “sisaleira” foi renovada e incorporou a produção de peças com maior valor agregado (www.coopercuiuiu.com.br, 2016).

Um grande feito para o artesanato do Cuiuiú foi sua inserção no Programa Caras do Brasil, programa este que prioriza pequenos produtores, valorizando e estimulando atividades desenvolvidas em diversas comunidades e com incentivo na comercialização, priorizando a geração de renda e assim evitar o êxodo rural. Desde 2002, a comunidade se orgulha em saber que suas peças estão expostas e são comercializadas pelos supermercados do grupo Pão de Açúcar. Segundo o presidente da cooperativa, o intermédio e o contrato com o Grupo Pão de Açúcar juntamente ao Programa Caras do Brasil aconteceu com uma parceria do SEBRAE, do Parque Tecnológico e a PEASA, que enviaram fotos dos produtos e o grupo se interessou.

Em 2008, os utilitários produzidos pelos artesãos (FIGURA 4) foram modificados quanto às suas tonalidades, com o tingimento da fibra de sisal com produtos extraídos da natureza, como a casca da aroeira, jurema preta, cajueiro, urucum, entre outros. Esta técnica foi repassada à comunidade em agosto, por uma artesã cearense por meio de formação continuada por intermédio do SEBRAE. Os produtos foram expostos e comercializados no Rio de Janeiro durante a V Feira Nacional da Agricultura Familiar e Reforma Agrária, que foi realizada na Marina da Glória de 26 a 30 de novembro. Esta técnica de tingimento da fibra não foi muito bem aceita pelo público, pois a maioria das pessoas preferem a cor natural da fibra do sisal.

Figura 4 - Peças Confeccionadas na Cooperativa



Fonte 4: site www.cooperculuiiu.com.br (2017)

Em 2009, o Centro Artesanal Cuiuiú ganhou a premiação na 2ª edição do Prêmio Sebrae TOP 100 de Artesanato que é promovido pelo Sebrae e tem como objetivo destacar as 100 unidades produtivas mais competitivas do país, reconhecendo e incentivando o trabalho dos artesãos brasileiros. Este prêmio foi criado em 2006 objetivando criar novos métodos de incentivo à produção artesanal Brasileira.

Hoje, esse grupo aumentou e 22 artesãos trabalham na fabricação de produtos artesanais de decoração e utilitários, tiveram e têm sua autoestima elevada, pois de cordeiros, após as capacitações passaram a ser denominados artesãos e com a comercialização de seus produtos conseguem comprar bens com a renda adquirida na cooperativa. A produção

artesanal permite que algumas famílias da comunidade tenham uma fonte de renda que auxilia no sustento e trás ocupação, evitando que os jovens necessitem se deslocar para grandes centros urbanos em busca de trabalho para poder ajudar seus familiares. A partir de suas produções e exposições pela Paraíba em feiras de artesanato, o grupo de artesãos do Cuiuiú teve uma valorização maior através da divulgação de suas belas e delicadas peças e a cada venda se orgulham ainda mais por saber que suas confecções estão espalhadas em todas as regiões do Brasil.

A cooperativa do Cuiuiú ainda não “anda com suas próprias pernas”, pois ela é agregada a uma cooperativa da cidade de Monteiro-PB. Quando foram iniciadas as vendas dos produtos artesanais, a Cooperativa do Cuiuiú não tinha como comercializar através da associação, o Parque Tecnológico montou uma cooperativa para vender os produtos de várias associações e os utilitários do Cuiuiú eram um dos produtos deles. Com o decorrer do tempo, houve o desligamento do parque tecnológico com as comunidades para dar autonomia e a cooperativa seguir só, dessa forma, houve a agregação com a cooperativa de Monteiro-PB para fazer a comercialização, pois ainda não existia a cooperativa na comunidade. Atualmente, a cooperativa está em fase de transição para assim fazer a comercialização de seus produtos por si só e ao invés de pagar taxas à outra cooperativa, investir na própria comunidade.

3 METODOLOGIA

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

Para desenvolver nossa pesquisa, utilizamos pesquisa qualitativa através de uma entrevista com o atual presidente da cooperativa e com aplicação de questionários com os demais cooperados, para assim, poder analisar melhor as práticas desenvolvidas na cooperativa do Cuiuiú, entender o funcionamento e a realidade de todos, orientada por um roteiro e também com conversas, gravações e com a autorização do termo de consentimento de livre e esclarecido para poder divulgar os dados coletados e com visitas na cooperativa para acompanhar e conhecer um pouco do trabalho de todos.

A pesquisa qualitativa, utilizada para interpretar fenômenos, ocorre por meio da interação constante entre a observação e a formulação conceitual, entre a pesquisa empírica e o desenvolvimento teórico, entre a percepção e a explicação (BULMER, 1977) se apresenta como uma dentre as diversas possibilidades de investigação. Constitui uma alternativa apropriada nos estágios iniciais da investigação, quando se busca explorar o objeto de estudo e delimitar as fronteiras do trabalho, quando existe especial interesse na interpretação do respondente em relação aos seus comportamentos, motivos e emoções, quando o tema da pesquisa envolve tópicos abstratos, sensíveis ou situações de forte impacto emocional para o respondente e/ou quando o universo da pesquisa é pequeno e a quantificação não faz sentido (HEYINK; TYMSTRA, 1993).

O método qualitativo é útil e necessário para identificar e explorar os significados dos fenômenos estudados e as interações que estabelecem, assim possibilitando estimular o desenvolvimento de novas compreensões sobre a variedade e a profundidade dos fenômenos sociais.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14). Nesse sentido, a pesquisa qualitativa nos mostra a realidade de cada um e deixa claro todas as dificuldades e expõe a dinâmica das relações sociais entre os cooperados.

3.2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Para a realização da pesquisa foi feita uma entrevista com o presidente da Associação, residente na comunidade desde a criação e abertura da cooperativa, gravada e orientada com um roteiro contendo treze questões e assim poderemos saber um pouco sobre a criação e continuidade da cooperativa, levando em consideração as dificuldades encontradas e as barreiras vencidas para a sua continuação naquela comunidade. Dificuldades estas que se dão a partir da falta oportunidades de trabalho, pela pouca escolaridade, falta de investimentos locais por parte dos governantes, a seca que nos assola há alguns anos, entre outras. Também foi feita entrevista com questionários contendo vinte questões (com questões objetivas e abertas) com os associados da cooperativa para ser analisado suas atividades sociais, econômicas e práticas diárias na cooperativa.

O instrumento de pesquisa utilizado foi uma entrevista com o presidente da cooperativa orientada por um roteiro (APÊNDICE 2) com treze perguntas direcionadas à cooperativa, sobre surgimento, dificuldades, convênios com entidades, produtos, pessoas que compunham e compõem a cooperativa, entre outras questões. O presidente acompanha a cooperativa desde o surgimento e atua na cooperativa em união com familiares associados com muito empenho e dedicação, lutando sempre por dias melhores em sua comunidade. Foi utilizado questionários (APÊNDICE 1) com vinte questões (fechadas e abertas) com todos os associados da cooperativa com o intuito de analisar suas características sociais e econômicas, as dificuldades encontradas e as práticas diárias em suas atividades na cooperativa. Muitos dos entrevistados estão compondo a cooperativa desde a sua abertura, visando melhorar a renda familiar.

A entrevista e a aplicação dos questionários foram feitas no mês de junho de 2016, depois de algumas visitas na cooperativa e na comunidade com conversas informais com o senhor José dos Santos, presidente da cooperativa e com sua filha, Adriana Freire dos Santos. A entrevista foi feita com uso de gravador, com a autorização e logo após foi feita a transcrição (APÊNDICE 3) e retirando informações importantes para o desenvolvimento do trabalho. Os questionários foram entregues a cada pessoa para responderem com calma, respeitando as dificuldades de alguns pela pouca escolaridade, auxiliando na leitura das perguntas quando necessário e serão expostos em forma de gráficos. Todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE 4), autorizando a divulgação de suas respostas.

A entrevista foi consentida a citar o nome do entrevistado, mas os questionários foram respondidos de forma anônima.

A pesquisa foi muito satisfatória, pois diversas informações foram esclarecidas e exploradas no decorrer de nossas conversas, desde as conversas informais, a entrevista gravada até a aplicação dos questionários.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abaixo, seguem os gráficos contendo informações e a análise das respostas dos questionários aplicados com os cooperados e artesãos da Cooperativa Centro Artesanal do Cuiuiú, divididos quanto ao perfil socioeconômico, atividade econômica e sobre a cooperativa.

Considerando as informações colhidas e cedidas pelos entrevistados durante a pesquisa de campo, de acordo com o questionário socioeconômico, podemos perceber que os membros da cooperativa têm idades diferenciadas, que variam entre 17 a mais de 39 anos (Gráfico 1), prevalecendo os de maior idade onde os maiores de 39 anos correspondem a 41% dos entrevistados.



Fonte 1 - Dados da Pesquisa, 2016.

Quanto ao sexo dos cooperados, a maioria (83%, Gráfico 2) se trata de mulheres, jovens, donas de casa, que associam a vida cotidiana às suas produções, confeccionando suas peças entre suas atividades domésticas.



Fonte 2 - Dados da Pesquisa, 2016.

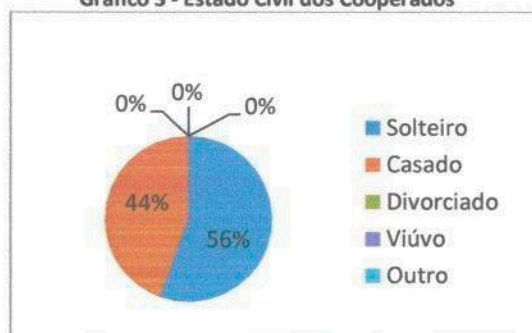
Quando a cooperativa começou na comunidade houve um pouco de preconceito por parte de muitos moradores da comunidade, por não acreditar que houvesse progresso da mesma. Com o passar dos tempos, com a evolução e o reconhecimento que foi acontecendo gradativamente, pessoas que não deram credibilidade inicialmente, foram se aproximando e hoje fazem parte da cooperativa.

Em Entrevista com o presidente da cooperativa, ele cita:

Era um grupo pequeno de umas quatro, cinco, inclusive até hoje tem duas que desde o começo do grupo permanece. O outro grupo quando via o detalhe, vinha aqui e saía era tipo um deboche, dizendo que tinha delas que não tinha o prazer de vestir uma calcinha com o dinheiro desse próprio artesanato daqui, hoje são filiadas no grupo, já tem seus bens comprados com dinheiro daqui, graças à Deus e foi um passo que foram vendo e de início foram acreditando e hoje tá acreditado. (sr. Duda, Apêndice 3)

A maioria dos entrevistados são solteiros (53%, Gráfico 3), porém alguns vivem em união estável, devido às poucas condições financeiras e não ter sido possível casar oficialmente. Todos constituem famílias pequenas variando de uma a três pessoas (Gráfico 4), com poucas condições financeiras. Pessoas que lutam desde sempre por melhores condições de vida apesar das dificuldades que encontram no caminho, desde o grau de instrução até oportunidades de emprego que não encontram na região. 41% possuem o ensino fundamental completo (Gráfico 5), por que não tiveram oportunidades enquanto crianças, por viverem na agricultura e pela necessidade de ajudar os pais para sobreviver, deixando de lado e em segundo plano. Apenas 38% possuem casa própria, os demais moram em casas de parentes que se mudam para a cidade por alguma necessidade particular. 12% possuem carro, 30% possuem moto e 20 % possuem computador (Gráfico 6).

Gráfico 3 - Estado Civil dos Cooperados



Fonte 3 - Dados da Pesquisa, 2016.

Gráfico 4 - Pessoas que Moram com os Cooperados



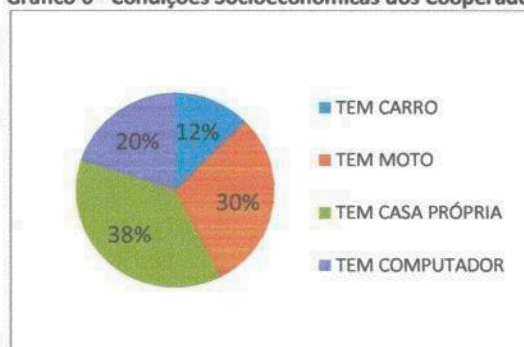
Fonte 4 - Dados da Pesquisa, 2016.

Gráfico 5 - Nível de Instrução dos Cooperados



Fonte 5 - Dados da Pesquisa, 2016.

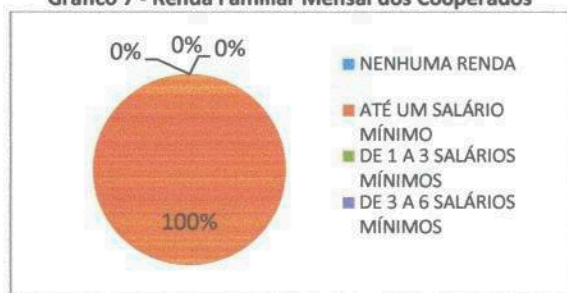
Gráfico 6 - Condições Socioeconômicas dos Cooperados



Fonte 6 - Dados da Pesquisa, 2016.

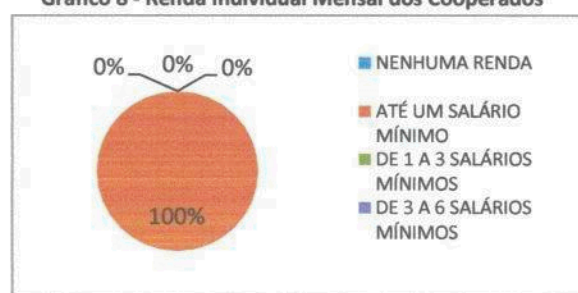
De acordo com a análise, referenciada na atividade econômica dos cooperados quanto à renda familiar e individual, todos ganham até um salário mínimo (Gráficos 7 e 8), esta renda na qual se referem se trata de benefícios sociais e também o que é arrecadado nas vendas do artesanato. 89% afirmam que trabalham (Gráfico 9), pois têm a produção artesanal como uma profissão. No entanto, percebemos o empenho de todos os artesãos na cooperativa visando a melhoria da situação financeira de seus familiares com pequenos investimentos como em objetos para suas próprias residências, em produtos de higiene pessoal, no processo educativo, enfim, elevando ainda mais a autoestima e o bem estar de todos.

Gráfico 7 - Renda Familiar Mensal dos Cooperados



Fonte 7 - Dados da Pesquisa, 2016.

Gráfico 8 - Renda Individual Mensal dos Cooperados



Fonte 8 - Dados da Pesquisa, 2016.

Gráfico 9 - Têm trabalho



Fonte 9 - Dados da Pesquisa, 2016.

100% deles têm como profissão a agricultura (Gráfico 10), mas devido a estiagem recorrem a outras atividades para assim sobreviver e dar o sustento da família.

Gráfico 10 - Em que Trabalha Atualmente



Fonte 10 - Dados da Pesquisa, 2016.

Uma das prioridades da cooperativa é a geração de renda que serve como um complemento para o sustento das famílias que a compõem. Com o objetivo de evitar que os jovens saiam de sua localidade para os grandes centros para procurar meios de sobrevivência e com o passar dos dias este objetivo está sendo alcançado através do empenho de todos.

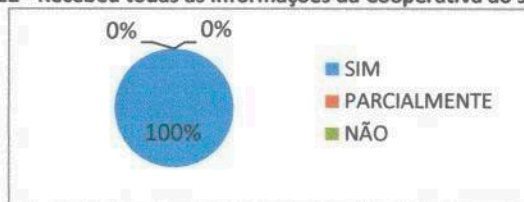
Se referindo à cooperativa, eles têm um modo muito unificado de gerir e trabalhar nela, mesmo tendo um presidente. A maioria dos associados estão fazendo parte da cooperativa há mais de dez anos (42%); em segundo lugar, se referindo ao tempo que integra a cooperativa 21% estão junto à cooperativa entre 7 e 9 anos (Gráfico 11). São muitos desafios e dificuldades que já ultrapassaram e ultrapassam, por poucas condições e investimentos que faltam para todos os associados, mas com a união e a organização eles vão, pouco a pouco, atravessando e vencendo os obstáculos que surgem.



Fonte 11 – Dados da Pesquisa, 2016.

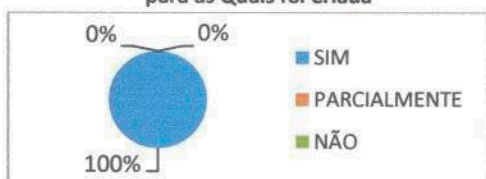
100% dos associados têm conhecimento de tudo o que se passa na cooperativa desde o momento que se associou nela, mostrando mais ainda um modelo de solidariedade que há entre eles, cumprindo todas as finalidades que faz jus a mesma. Com reuniões periódicas e assiduidade entre todos que a compõe (Gráficos 12, 13 e 14).

Gráfico 12 - Recebeu todas as Informações da Cooperativa ao se Associar



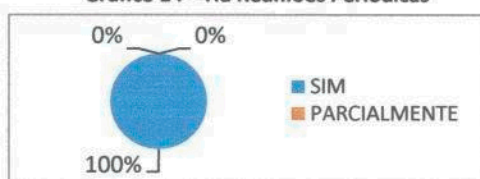
Fonte 12 – Dados da Pesquisa, 2016.

Gráfico 13 - A Cooperativa Cumpre as Finalidades para as Quais foi Criada



Fonte 13 – Dados da Pesquisa, 2016.

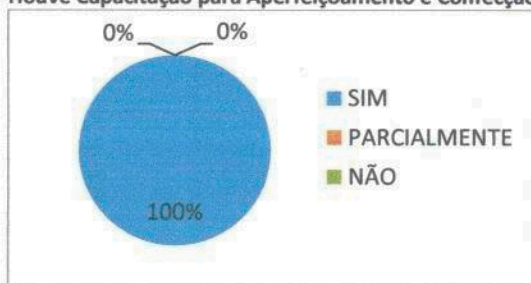
Gráfico 14 - Há Reuniões Periódicas



Fonte 14 – Dados da Pesquisa, 2016.

Todos eles participaram de capacitações e aperfeiçoamento (Gráfico 15) para a confecção das peças artesanais com muita dedicação para melhorar o modo de produção e minimizar suas dificuldades.

Gráfico 15 - Houve Capacitação para Aperfeiçoamento e Confeção de Produtos



Fonte 15 – Dados da Pesquisa, 2016.

Há um responsável pelas finanças da cooperativa, todos os cooperados são conhecedores e apoiam isso com tranquilidade (Gráfico 16). Para receber os valores que são pagos pelo grupo Pão de Açúcar, os valores são repassados pela contadora de uma cooperativa da cidade de Monteiro-PB, a qual a cooperativa do Cuiuiú é agregada. Lá, ela faz o cálculo financeiro do total arrecadado, retira uma quantia paga para a cooperativa referente à 10% do valor total com as vendas dos produtos e depois deposita na conta bancária de cada pessoa. E sempre é feita dessa maneira.

Gráfico 16 - Há um Responsável pelas Finanças



Fonte 16 – Dados da Pesquisa, 2016.

De acordo com as questões abertas apresentadas no questionário, nota-se uma semelhança entre quase todas as respostas, pois o modo de falar é diferente, mas o sentido é o mesmo. O maior desafio encontrado em toda a trajetória na cooperativa de acordo com os associados é como começar a fazer o produto e o fio, pois o artesanato exige muita paciência, prática, atenção e muito empenho, surgem também dificuldades em como conciliar a produção com a vida diária de dona de casa, o gerenciamento da cooperativa, a busca de matéria prima (sisal) de boa qualidade devido à estiagem, a busca de novos mercados, que é um pouco difícil devido à dificuldade de construção e divulgação dos produtos,

principalmente por ter um contrato com o grupo Pão de Açúcar e o tempo fica quase que exclusivo à produção de suas encomendas e a adaptação ao cronograma que o Pão de Açúcar repassa para a entrega de produtos, enfim, são desafios que aos poucos são transformados em vitórias devido ao bom relacionamento de todos os artesãos e componentes da cooperativa.

A divisão de tarefas é feita de forma igualitária. A montagem das peças com os arames é feita (com solda) na cooperativa pelo presidente, divide em quantidades iguais e cada pessoa leva para confeccionar em suas próprias casas. Quando todos terminam se reúnem na cooperativa para fazer a etiquetagem e o empacotamento (FIGURA 5) para enviar as encomendas.

Figura 5 – Mulheres e Jovens fazendo a Etiquetagem e Empacotamento das Peças



Fonte 5: Acervo Jaqueline Nascimento(2016)

De acordo com os entrevistados, o valor arrecadado com as vendas é dividido por igual para todos. Como citado anteriormente, após tirar os custos gastos para material, os impostos e a porcentagem da cooperativa, a sobra é repartida. Modelo este de economia solidária e isso nos mostra que sem perceber, ela é utilizada e compartilhada por muitos empreendimentos, sejam eles formais ou informais.

Se referindo à satisfação de fazer parte da cooperativa, todos estão muito felizes e justificam, principalmente, o fato de ter um complemento para a renda familiar, outros dizem que estão satisfeitos por ter um trabalho, outros mais por poder ajudar os pais com gastos em casa. É muito importante saber da satisfação de todos, pois vemos que 100% deles estão fazendo o que realmente gostam e sabem fazer, com vontade, muito empenho e dedicação.

Sobre a entrevista gravada (FIGURA 6) com senhor José dos Santos, presidente da cooperativa foi muito proveitosa, pois conversamos e ele explicou diversas coisas sobre a cooperativa, desde como surgiu até como está atualmente, frisando as práticas diárias de todos que a compõe.

Figura 6 - Entrevista com o Presidente da Cooperativa



Fonte 6: Acervo Jaqueline Nascimento(2016)

5 CONCLUSÕES

A presente pesquisa, desenvolvida na comunidade do Cuiuiú, município da cidade de Barra de Santa Rosa, Paraíba, foi feita a partir de muitas indagações, questionamentos e com várias visitas na comunidade com conversas e diálogos informais com o presidente, com sua filha e outras pessoas da comunidade que compõem a cooperativa até a realização e conclusão da mesma. Contudo, foi muito prazeroso realizar um trabalho percebendo a teoria no campo prático. Houve muita dedicação na construção do referencial teórico que respondesse as nossas proposições como também na procura das pessoas dispostas a contribuir o desenvolvimento da pesquisa de campo.

Este trabalho nos possibilitou muitos esclarecimentos sobre a realidade local daquela comunidade e temos plena convicção de que alguns questionamentos ainda não foram bem esclarecidas. Porém, uma grande parte delas ficou muito clara de acordo com os participantes da pesquisa. Um tema importante e que envolve o gosto e a satisfação de pessoas que lutam por dias melhores para si e para seus familiares, todos com um objetivo comum.

Foi um trabalho gratificante e enriquecedor para a minha formação acadêmica e pessoal: Toda a construção, desde o esboço até a conclusão e também para os cooperados daquela localidade que fazem seus produtos com muita dedicação e se orgulham muito dos produtos que constroem, onde muitos deles têm esta prática como uma profissão que é a construção de artefatos (bandejas, porta-guardanapos, luminárias, bolsas, entre outros) com as cordas de sisal, também confeccionadas na comunidade. É recompensador ter uma cooperativa competente que trabalha em união, lutando sempre para um futuro melhor para seus familiares e que têm produtos vendidos em grandes centros urbanos, nas prateleiras de uma rede de supermercados reconhecida nacionalmente, o Grupo Pão de Açúcar (GPA).

Conseguimos perceber que o apoio de algumas entidades fez com que a cooperativa evoluísse ainda mais. De acordo com o presidente da cooperativa, todas estas entidades foram de fundamental importância para a mesma. Como o SEBRAE, o PARQUE TECNOLÓGICO DA PARAÍBA, o PEASA e no início teve o apoio do governo do estado da Paraíba com a construção da sede da cooperativa. A contribuição foi com formações continuadas de aperfeiçoamento para a confecção de artesanato, com acompanhamento de alunos bolsistas com o PEASA, o Parque Tecnológico com a ajuda para a cooperativa vender seus produtos para o Grupo Pão de Açúcar, entre outras.

A cooperativa prioriza as encomendas do GPA, pois na localidade a cultura do artesanato infelizmente é pouco valorizada, mas sempre que podem também participam de feiras de artesanato em outras cidades.

A contribuição que este trabalho procurou oferecer é que a economia solidária e o cooperativismo são praticados em muitos empreendimentos informais de um modo implícito, onde a grande parte das pessoas que compõem determinadas associações ou cooperativas não têm em mente a definição de Economia Solidária, mas que usam todas as práticas e os princípios da mesma. As práticas diárias da cooperativa se assemelham a práticas de economia solidária e de cooperativismo e conseguimos perceber através de como eles fazem as divisões de trabalho, as confecções e o empacotamento para envio dos produtos para a venda, de acordo com o que foi respondido nos questionários aplicados.

Na Cooperativa Centro Artesanal Cuiuiú todos os cooperados têm conhecimento de tudo o que acontece na cooperativa desde a abertura até os dias atuais. As decisões são tomadas em conjunto, a organização e produção dos utilitários são feitos em suas próprias casas devido a grande maioria serem donas de casa, mas ao término se reúnem para a etiquetagem e preparação para o envio.

É muito recompensador saber que na comunidade do Cuiuiú há uma fonte de renda para as famílias com poucas condições financeiras e que elas valorizam o produto (sisal) da região e, ainda mais, que é levado para todas as regiões do Brasil, por meio do Grupo Pão de Açúcar. As pessoas responsáveis pela confecção de cada produto são valorizadas nacionalmente e se empenham cada vez mais para melhorar suas práticas e seus produtos, organizando seu dia-a-dia com suas produções, elevando sua autoestima e melhorando suas vidas e incentivando muitos jovens a continuar com o artesanato, pois é uma atividade que prioriza a matéria prima local e é um material de baixo custo.

6 REFERÊNCIAS

BULMER, M. **Sociological research methods**. London: Macmillan, 1977.

Centro Artesanal Cuiuiú. **Sobre a cooperativa**. Disponível em: <<http://www.coopercuiuiu.com.br>>. Acesso em: 30/04/2016.

CULTI, Maria Nezilda. **Economia solidária no Brasil – Tipologia dos Empreendimentos Econômicos Solidários** – São Paulo: Todos os Bichos, 2010. 120 pp.

Dia de campo sobre sisal mobiliza produtores em Barra de Santa Rosa, PB. Disponível em: <<http://www.cnpa.embrapa.br>>. Acesso em: 09/05/2016.

Economia Solidária, legislação e normas. Disponível em: <<http://www.ecosolbasebrasil.com.br>>. Acesso em: 25/01/2017.

2ª Edição do Prêmio Top 100 Sebrae. Disponível em: <<http://www.top100.sebrae.com.br>>. Acesso em: 30/01/2017.

FRÓES, O. **Cooperativas de educação**. Mackenzie: São Paulo, 2001.

GAIGER, Luiz Inácio. **Economia Solidária Volume 1: A economia solidária diante do modo de produção capitalista, 2002**. Acesso em 30/01/2017.

HEYINK, J.W.; TYMSTRA, T. J. **The function of qualitative research**. Social Indicators Research, v. 29, 291-305, 1993.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NORTH, K.; RIVAS, R. **Gestión del conocimiento: una guía práctica hacia la empresa inteligente**. Buenos Aires, LibrosEnRed, 2008.

OCB - Organizações das Cooperativas Brasileiras. **Cooperativismo: Forma ideal de organização**. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo/index.asp>>. Acesso em 22/10/2016.

OLIVEIRA, Marcus Eduardo de. **Princípios de Economia Solidária**. Disponível em: <<http://www.campgrandenews.com.br>>. Acesso em 20/01/2017.

PONTES, Gabriela de Souto. **Educação de Jovens e Adultos e Economia Solidária: das Frustrações ao Empoderamento do Ser**. p. 28, 2017. 51 f. Monografia. Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

Programa Arte Brasil, tudo em artesanato. **História do Artesanato**. Disponível em: <<http://www.programaartebrasil.com.br>>. Acesso em: 08/05/2016.

Programa do Artesanato Brasileiro: **Base Conceitual do Artesanato Brasileiro**. Brasília, 2012.

Programa Caras do Brasil. Disponível em: <<http://www.carasdobrasil.com.br>>. Acesso em: 21/01/2017.

SINGER, P. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas.** São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária.** 1ª Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

VAINSENER, Semira Adler. **Artesanato do Nordeste do Brasil. Pesquisa Escolar Online,** Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 08/05/2016.



APÊNDICES

APÊNDICE 1: QUESTIONÁRIO APLICADO COM TODOS OS COOPERADOS:**QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO****1. IDADE:**

Até 17 anos 18-24 anos 25-29 anos 30-39 anos Mais de 39 anos

2. SEXO: Masculino Feminino

3. ESTADO CIVIL: Solteiro Casado Divorciado Viúvo Outro

4. QUANTAS PESSOAS MORAM COM VOCÊ? (incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos (Marque apenas uma resposta)).

Moro sozinho Uma a três Quatro a sete Oito a dez Mais de dez

5. NÍVEL DE INSTRUÇÃO:

Já concluiu o ensino fundamental (1º grau/primário/EJA I)? Não Sim

Já concluiu o ensino médio (2º grau/secundário/EJA II)? Não Sim

Tem nível superior? Não Sim

6. CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS (se mora com os pais, informar os dados da família).

Tem carro e moto Não Sim

Tem carro Não Sim

Tem moto Não Sim

Tem casa própria Não Sim

Tem computador Não Sim

7. SOMANDO A SUA RENDA COM A RENDA DAS PESSOAS QUE MORAM COM VOCÊ, QUANTO É, APROXIMADAMENTE, A RENDA FAMILIAR MENSAL? (Marque apenas uma resposta)

Nenhuma renda.

Até 1 salário mínimo (até R\$ 880,00).

De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 880,00 até R\$ 2.640,00).

De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.640,00 até R\$ 5.280,00).

8. QUAL A SUA RENDA MENSAL, APROXIMADAMENTE? (Marque apenas uma resposta)

Nenhuma renda.

Até 1 salário mínimo (até R\$ 880,00).

De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 880,00 até R\$ 2.640,00).

De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.640,00 até R\$ 5.280,00).

ATIVIDADE ECONÔMICA

9. VOCÊ TRABALHA OU JÁ TRABALHOU?



Sim Não

10. EM QUE VOCÊ TRABALHA ATUALMENTE?

Na agricultura, no campo, na fazenda ou na pesca.

No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços.

Como funcionário(a) do governo federal, estadual ou municipal.

Como profissional liberal, professora ou técnica de nível superior.

Trabalho fora de casa em atividades informais (pintor, eletricitista, encanador, feirante, ambulante, guardador/a de carros, catador/a de lixo).

Trabalho em minha casa informalmente (costura, aulas particulares, cozinha, artesanato, carpintaria etc.).

Faço trabalho doméstico em casa de outras pessoas (cozinheiro/a, mordomo/governanta, jardineiro, babá, lavadeira, faxineiro/a, acompanhante de idosos/as etc.).

No lar (sem remuneração).

Não trabalho.

SOBRE A COOPERATIVA

11. HÁ QUANTO TEMPO O SR(A) É INTEGRANTE DA COOPERATIVA?

Menos de um (01) ano 1 – 3 anos 4 – 6 anos 7 – 9 anos Mais de dez (10) anos Não sei

12. O SR(A) RECEBEU TODAS AS INFORMAÇÕES NECESSÁRIAS SOBRE A COOPERATIVA QUANDO PASSOU A SER UM INTEGRANTE DELA?

Sim Parcialmente Não

13. ESTA COOPERATIVA CUMPRE COM AS FINALIDADES PARA AS QUAIS ELA FOI CRIADA?

Sim Parcialmente Não

14. HÁ REUNIÕES PERIÓDICAS ENTRE OS COOPERADOS?

Sim Parcialmente Não

15. QUAIS OS DESAFIOS ENCONTRADOS EM TODA A SUA TRAJETÓRIA NA COOPERATIVA? _____

16. COM RELAÇÃO À PRODUÇÃO DOS ITENS NA COOPERATIVA, COMO É DIVIDIDO AS ATIVIDADES E A CONFECÇÃO DOS PRODUTOS? ONDE ACONTECE A PRODUÇÃO? _____



17. HOUVE CAPACITAÇÃO PARA APERFEIÇOAMENTO E CONFECÇÃO DOS PRODUTOS POR TODOS OS COOPERADOS?

Sim Parcialmente Não

18. HÁ UM (A) RESPONSÁVEL PELAS FINANÇAS?

Sim Parcialmente Não

19. COMO É DIVIDIDO O VALOR ARRECADADO COM A VENDA DOS PRODUTOS? _____

20. É SATISFEITO(A) PELO O QUE FAZ NA COOPERATIVA? JUSTIFIQUE.

APÊNDICE 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O PRESIDENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO



ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM ÊNFASE EM
ECONOMIA SOLIDÁRIA

COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA:

DIAGNÓSTICO DE PRÁTICAS NA COOPERATIVA DE PRODUÇÃO ARTESANAL DO
CUIUIÚ

JAQUELINE SILVA NASCIMENTO

1. Como surgiu a Cooperativa? Para que fim ela foi criada?
2. O Senhor é integrante desde a abertura da cooperativa? Comente.
3. Qual sua função na cooperativa?
4. Quantas pessoas são associadas? Quantas eram inicialmente?
5. Qual o principal objetivo da criação da Cooperativa de produção Artesanal aqui no Cuiuiú?
6. Houve dificuldades para a abertura e continuidade da cooperativa? De que forma?
7. Há convênio ou acompanhamento com alguma entidade na cooperativa? De que forma aconteceu?
8. Qual a matéria prima utilizada pela cooperativa? Onde ela é encontrada?
9. Sobre a produção por parte da cooperativa, há produtos fixos?
10. Houve ou há cursos de capacitação para aperfeiçoamento e produção de peças com os associados da cooperativa? Com qual empresa?
11. A confecção dos produtos das encomendas é feita na sede da cooperativa?
12. Com a confecção e venda das mercadorias, como é feita a divisão de tarefas e do dinheiro arrecadado?
13. Sobre Economia Solidária, o senhor tem conhecimento sobre esse tipo de economia? Comente.
14. Tem algo a mais a acrescentar? Muito Obrigada pelas informações!!!!

APÊNDICE 3: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA GRAVADA COM O PRESIDENTE DA COOPERATIVA DE PRODUÇÃO ARTESANAL DO CUIUIÚ, O AGRICULTOR JOSÉ FREIRE DOS SANTOS, MAIS CONHECIDO POR DUDA NA COMUNIDADE

Jaqueline: - Bom dia, sou Jaqueline Silva Nascimento, estudante da pós graduação em educação de jovens e adultos com ênfase em economia solidária e eu vou fazer uma pequena entrevista à seu Duda que é o presidente da Cooperativa aqui do Centro Artesanal do Cuiuiú. Bom dia seu Duda!

Duda: Bom dia Jaqueline!

Jaqueline: Bom, de inicio eu gostaria que o senhor me dissesse direitinho como é que surgiu a cooperativa.

Duda: Bom, a cooperativa de Cuiuiú ela(...) ela surgiu através de, “cuma” a comunidade já é um, um(...) aperfeiçoada em corda de sisal, aí se criou o artesanato de (...), associa(...), primeiro foi criada a associação de Cuiuiú para o desenvolvimento de fibra, “friba” de sisal e através da associação foi que se criou o projeto apoiado pelo “paq”, parque tecnológico, SEBRAE, é(...) PPTA e a comunidade se intere(...), teve o interesse de todos, né?, e não tinha o centro, e daí surgiu a “aperfeiçoação” do arte do sisal nessas peças que hoje é um desenvolvimento que tem para a comunidade, uma fonte de renda, não suficiente, mas uma parte de “compremento”, né? E por isso, a gente “tamo” aqui.

Jaqueline: Mas, assim, desde que ano a cooperativa surgiu?

Duda: Surgiu “derna” de dois mil e (...), de, de(...) dois mil que começou os cursos pelo SEBRAE, só que não tinha um desenvolvimento, é(...) forte era só “compremento” pra feira, apresentação nas “feira” e o parque continuou trazendo, criando, as meninas foram se interessando, um grupo pequeno de cinco, seis pessoas começamos, começaram com um “festão” que eu não fazia parte, mas graças à Deus, mas em dois mil e dois pra cá entrei pra dar apoio às meninas, que antes era assim, vinha o curso e quando saía ficava todo mundo parado, né?

Jaqueline: Unrum.

Duda: Aí, através da minha filha, da minha esposa, eu disse um dia que se eu viesse “praqui” eu botava pra funcionar e graças à Deus, fé em Deus, pé no chão, aí conseguimos.

Jaqueline: E os participantes, geralmente são mais da família?

Duda: Isso(...), isso. Um grupo de família, aí ficou na comunidade e de dois mil e dois pra cá, graças à Deus se(...) se agreguemos a uma cooperativa e vai só crescendo. Através disso foi

que foi uma amostra pro Pão de Açúcar, eles interessaram, o programa Caras do Brasil e graças à Deus hoje nós estamos de parabéns com essa(...)

Jaqueline: Graças à Deus. E o senhor é integrante desde a abertura da cooperativa?

Duda: Unrum. “Derne” de “intregante”, “derne” de dois mil e dois, aí nós criemos a nossa cooperativa em dois mil e onze, né?, mas ainda não tá funcionando , praticamente, diretamente dela, mas se Deus quiser, esse ano vindouro agora nós tem tudo para funcionar, gerenciar a nossa que hoje a gente ainda paga uma contrapartida para outra cooperativa, mas a nossa tá aberta que é a Cooper Cuiuiú e se Deus quiser vai ser mais um passo a frente em nossa comunidade.

Jaqueline: Aí, a função do senhor na cooperativa?

Duda: A minha função é o estruturamento das peças e passa todinha pela minha parte, então eu sou(...), sou(...), armo, faço o desenho das peças, soldo, ponteio ali, lixo, entrego para todas as outras montadoras, as vinte e (...), apesar que tem vinte que faz só montar, né? passa só pelo um soldador só, mas graças à Deus “tamo” continuando e dando conta. Tem as outras meninas que faz o fio né? e já repassa pras outras meninas, até chegar o ponto final.

Jaqueline: Unrum. Aí o senhor é o presidente da cooperativa?

Duda: Sou o presidente da cooperativa e ao mesmo tempo funcionário. (risos)

Jaqueline: Isso. E no caso, como o senhor já falou, hoje são vinte e dois no total né associados?

Duda: São mais, são em torno de 26, (...) 26.

Jaqueline: Ótimo! E quantas eram no começo, o senhor também falou que no comecinho de tudo eram o que? Cinco, seis que começou?

Duda: Isso, era um grupo pequeno de umas quatro, cinco, inclusive até hoje tem duas que desde o começo do grupo permanece. O outro grupo quando via o detalhe, vinha aqui e saía era tipo um deboche, dizendo que tinha delas que não tinha o prazer de vestir uma calcinha com o dinheiro desse próprio artesanato daqui, hoje são filiadas no grupo, já tem seus bens comprados com dinheiro daqui, graças à Deus e foi um passo que foram vendo e de inicio foram acreditando e hoje tá acreditado.

Jaqueline: Acreditaram porque no início não acreditavam. Mas assim, é(...), o senhor também já falou do objetivo da criação da cooperativa que de certa forma é gerar renda né? porque é como a gente sabe, não sustenta a família mas gera uma renda que ajuda.

Duda: Isso, que ajuda, isso.

Jaqueline: E houve dificuldades para abrir e continuar a cooperativa? De que forma?

Duda: Houve, grande. Porque assim, a forma é que é uma comunidade sem recurso, né?, hoje a gente se mantém com, com(...) A gente se mantém aqui hoje, do, do(...), vamos dizer, assim, a matéria prima da gente, o capital de giro da gente, nunca foi doado nada “praqui” pra ficar como capital de giro. A gente teve o apoio do governo estadual, mas em reforma, em compra de máquina, mas pra compra de matéria prima não. Isso foi dos cursos que foi doado que vinha o curso, aí vinha o recurso pra compra, aí eles traziam o material, então o material era feito na comunidade, feito e dali a gente começou. A gente não destruiu o da gente, no caso a gente vendeu e o que a gente vendeu já começou a levantar custo. Tirar o custo da mão-de-obra de cada um, a parte da matéria-prima ficava pra outra compra de outra coisa e então foi isso que a gente conseguiu e daí pra frente a gente vem conseguindo apesar de que “passemos dificuldade” né? pra, pra(...) pagar imposto que tava de imposto atrasado e sempre, sempre, eram dezesseis associações agregadas a essa cooperativa. Teve uma época que saiu todo mundo e só ficou nós pra responder e graças até hoje ainda estamos respondendo.

Jaqueline: E no caso, há convênio ou acompanhamento com alguma entidade com algum órgão que acompanha a cooperativa?

Duda: Há, pronto. A gente tem a contadora né de contabilidade que é o passo forte de (...) imposto, se todas as declarações de imposto de renda, só que não, assim, ela contabiliza para todos os que são funcionários. “Cuma” essa cooperativa, ela agrega leite do Cariri, o doce de um canto aí, o artesanato daqui. Quer dizer, que há um grupo formado pra elas, aí é uma contadora só pra isso tudo, mas de qualquer maneira, a gente tem apoio.

Jaqueline: E no caso, inicialmente teve o apoio da universidade também, não foi?

Duda: É, isso. Teve o apoio da universidade, que até hoje ainda tem, né?, que através do parque entre o parque e o PEASA. E o PEASA funciona dentro da própria UFCG de Campina Grande, então a gente não pode dizer que não tem. Sim, tem. Se nós precisar hoje de qualquer um curso de uma coisa a gente entra primeiro a quem, ao PEASA, o PEASA leva ao SEBRAE e de todo jeito a gente consegue. Ele é intermediário, ajuda no que precisa.

Jaqueline: É, e assim, qual a matéria-prima utilizada pela cooperativa?

Duda: Sisal, que é a nossa fonte de renda de Cuiuiú né?, que a gente tem, o arame galvanizado que é a estrutura das cestinha e só.

Jaqueline: E a força das mãos né? (risos)

Duda: Isso.

Jaqueline: Geralmente, onde é que o senhor arruma a matéria prima, no caso, o agave e o aramezinho galvanizado?

Duda: O sisal a gente compra no próprio município né?, Barra de Santa Rosa, não se desloca pra fora, tem, é no município. Na comunidade perto tem também, mas tem época que falta né?, aí então a gente se desloca mais distante, mas sendo no mesmo município. Essa semana, há duas semanas atrás ai, foi que eu precisei de sair pra outro município que fui até Remígio pegar umas “carradas”, duas carradas de folha porque aqui tá esse período seco e a gente sabe que esse tempo(...),E Remígio é mais brejo é mais arejado e tava um agave mais selecionado. Mas essa semana já consegui comprar aqui na região no próprio município.

Jaqueline: E sobre a produção por parte da cooperativa, há produtos fixos?

Duda: Unrum.

Jaqueline: Que no caso, são as cestas?

Duda: As cestas, luminárias, essas coisas assim que, a demanda para o pão de açúcar, com a prateleira deles tem uma certa medida, então eles não a(...), eles têm vontade de comprar este outro produto da gente aqui de Cuiuiú mas devido a prateleira ser organizada já pra aquele tamanho adequado, então(...). A gente tá esperando aí um consultor agora dia nove de novembro do Pão de Açúcar, então vamos escutar a proposta dele, ver se ele vem com novos detalhes pra gente dar uma, re(...), como é, refazer outras peças diferentes para eles né?, e estamos aguardando.

Jaqueline: E no caso, houve cursos de capacitação para aperfeiçoamento e produção das peças não é com os associados?

Duda: Houve sim.

Jaqueline: É frequente isso acontecer?

Duda: Não, hoje é não é frequente sim, mas de entrada houve em torno aqui, apesar que eu não participava ainda de entrada, eu vim entrar em dois mil e dois pra cá, o meu povo que estava, quem vivia aqui dentro, aí é em torno de oito a dez cursos que as meninas tem os seus certificado.

Jaqueline: E de certa forma, estes cursos que foram feitos foi aperfeiçoados na prática, porque na prática você vai aperfeiçoando mesmo porque o curso é no papel, mas quando você vai na prática é outra coisa.

Duda: Exatamente, pronto, “que nem” a gente teve um de uma estilista de Fortaleza, no Ceará que ela veio “praqui”, teve o trabalho de tingimento mas, pra nós e pra o comércio não foi aprovado, porque ela desenvolveu um tipo de tingimento a gente tingiu, mandou pro próprio Pão de Açúcar e eles não gostaram. Então o interesse deles foi o natural que é o que é feito.

Jaqueline: E a beleza natural é sensacional ne?

Duda: Exatamente.

Jaqueline: É, no caso, e quanto ao Pão de Açúcar, como foi que houve o intermédio e a questão do contrato?

Duda: Bom, isso aí foi uma parceria do SEBRAE né?, que a gente não tinha conhecimento com o Parque Tecnológico que é uma entidade forte que eles, através do Parque, SEBRAE e a PEASA, eles que enviaram as “foto”, mandaram e-mail para o Pão de Açúcar então o Caras do Brasil interessou e a gente começou com um número de pedido pequeno “que nem” isso a gente até já conversou com você é que era em torno de duzentas a duzentas e cinquenta peças e hoje, graças à Deus a gente tá numa demanda de três a quatro mil peças e de trimestre.

Jaqueline: A cada três meses eles estão fazendo as encomendas?

Duda: As encomendas eles organizaram um cronograma, a gente tinha até um contrato de seis em seis meses, mas isso zerou. Praticamente eles hoje faz automaticamente, nunca mais eles pediram nem documentação da gente.

Jaqueline: É porque já tá gravado né? E também a gente consegue ver que a divulgação das peças é o principal pra que tenha acontecido esse reconhecimento né?

Duda: Isso.

Jaqueline: Mas o contrato mesmo com o Pão de Açúcar foi desde quando?

Duda: Dois mil e dois. A gente tá hoje com(...), vai fazer 14 anos que estamos lá com eles.

Jaqueline: É muito bom, pois é um método de mostrar as belezas que o nosso município tem, né?, porque sair daqui pra ir pra fora é um orgulho muito grande, porque em uma comunidade pobre, sem tanta fonte de renda e quando a gente vai ver(...), e os materiais daqui “pra fora” é um orgulho pra todos. Eu acho que a divulgação é o principal para que isso realmente ocorra. E sobre a confecção e venda de mercadorias, como é feita a divisão de tarefas?

Duda: Isso aí! A gente trabalha individualmente, quem produzir mais ganha mais né?, se é pra ir pra uma feira tem que ser dividido o grupo. Um passa dois, três dias, outro passa cinco, seis dias e outros ficam produzindo quando é necessário ficar produzindo, “que nem” teve, quando tem o salão do artesanato de Campina, que a gente não tem entrega do Pão de Açúcar, a gente participa da feira, então reveza um artesão, como eu vou, passo três dias, deixo os parceiros, a gente paga uma contrapartida para os meninos de outro artesanato vizinho vender, assim como a gente faz com eles. Então, eu precisei de vim em casa, então hoje eu não posso participar no horário aí a gente deixa os da gente, “eles vende” os da gente. É um intercâmbio de um grupo unido de todos os artesãos da Paraíba que participa.

Jaqueline: E realmente, existe muita união, que é uma coisa que há um valor muito grande, mas muitos não valorizam. Então, realmente por isso que sempre há essa união entre os artesãos. E a questão do dinheiro arrecadado, como é que ele é dividido?

Duda: Pronto, o dinheiro arrecadado, ele é dividido, chega, tem Adriana que é tipo uma contadora. A gente chega, entrega pra ela. Anota todas as peças de cada um que foi vendida quando é em feira. Tem por obrigação de ter uma agendazinha pra anotar, numerar etiqueta, por exemplo, Adriana mandou dez peças, então vai as dez peças de Adriana, quando o cliente chega que compra antes da gente ensacolar pra entrega tem por obrigação olhar aquele número se é o dois ou três ou de o que quer que seja, pra dividir, “pra não ter rolo”, saber a divisão de quem vendeu, quem não vendeu, quando repõe o resto das peças “pra trás”, chega, olha o que sobrou, anota de todo mundo e faz a contabilidade de todo mundo e divide “pra cada cá o seu”.

Jaqueline: Aí, no caso, quando vai a encomenda para o Pão de Açúcar, vamos dizer, mil peças, cada pessoa fica responsável por montar a mesma quantidade?

Duda: Fica.

Jaqueline: Aí o dinheiro eles repassam por pessoa ou pra Adriana que é como se fosse a tesoureira da cooperativa?

Duda: Não. Passa já diretamente por pessoa, “cada cá” tem sua conta no banco aí a cooperativa, cai na conta da cooperativa todo o dinheiro da venda completa, então vai tirar a parte do material, frete, imposto.

Jaqueline: Aí a sobra divide?

Duda: Aí já manda a contabilidade feita daqui, quanto cada artesã ganhou, aí lá ela seleciona e já divide pra “cada cá” o seu cheque na sua conta indireta. Aí fica o de material, “bota”, deposita na conta já pra material e tem os dez por cento da cooperativa que a gente que paga, tem que ser pago e é isso que a gente “tamos” tentando, se Deus quiser, trazer a da gente e os dez por cento que a gente paga lá então vai ficar pra gente ampliar o nosso prédio que tá aí num estado inacabado, praticamente cadeira acabou, tá precisando de uma pintura, uma reforma, então esses dez por cento que a gente tá prevendo, se Deus quiser, no futuro, se ficar na própria cooperativa da comunidade já é um reembolso que a gente tem que fazer pra dividir isso aí.

Jaqueline: Geralmente, o preço é feito por peça?

Duda: Por peça, devido o tamanho. “Cada cá” não tem um preço igual que uma encarece mais, outra menos.

Jaqueline: Por exemplo, o porta guardanapos, hoje tá custando quanto pra sair daqui

Duda: Pra o Pão de Açúcar? Em torno de cinco a seis reais, a bandejinha pequena varia de sete a oito reais, a média vai de nove a dez, a grande vai de doze a quatorze, a redonda vai de dezesseis a dezessete reais, dependendo da quantidade de peças.

Jaqueline: Enquanto mais, o preço diminui?

Duda: Isso, só que para o Pão de Açúcar é uma tabela por igual, vamos dizer que eu mande, como agora nós mandemos quinze caixas de bandejas redondas, então foi em torno de trezentas peças (bandejas redondas) trezentas grande, aí saiu e “cada cá” tem seu valor, só que no pedido deles, tanto faz ir uma caixa como ir cem caixas de uma qualidade só, tem uma tabela, agora varia o tamanho como eu lhe expliquei porque o porta guardanapos tem um preço, a bandejinha pequena tem outro.

Jaqueline: Isso porque uma caixa de porta guardanapos “é tanto”, eu entendo como é. O senhor já ouviu falar em economia solidária?

Duda: Já.

Jaqueline: O que o senhor tem de conhecimento sobre esse tipo de economia?

Duda: Pelo pouco, a minha pouca participação, apesar que a gente era sócio num posto dela que tem em Campina Grande, uma associação de economia solidária, aí a gente era sócio, mas através de uns tempos a gente se desligou, mas ainda participei de uma feira em São Paulo, achei muito interessante, fomos pago pela própria associação da economia solidária, muito bem recebido em São Paulo, um conhecimento muito grande que a gente levou até só pra mostra, eles não exigiram a gente vender e foi um evento de oito dias. Eles não exigiram da gente vender, por que “cuma” era, foi todo mundo de avião aí não podia levar uma quantidade x (xis) pra venda. Então eles exigiram uma quantidade, vamos dizer, eu levei dois conjuntos de bandeja quadrada, levei dois da heptagonal, levei uma luminária de cada uma só pra expor. Até eles exigiram a gente doar, cada um, uma peça no final da feira pra eles montar um estande lá num canto pra ficar de mostra pra reconhecimento dos outros países quando vêm em São Paulo né?, aí ficou e eu achei muito interessante, porque eles “apoia” os grupos, apesar que apoia os grupos pequenos de família, como nós aqui, do setor pobre e eles apoia isso pra ver, criar a economia dentro da própria comunidade.

Jaqueline: Que gera renda, que tem a questão de cooperação, que todos podem dar opiniões, então, assim, é bem interessante. E eu agradeço, eu pergunto se o senhor tem alguma coisa mais a acrescentar?

Duda: Não, assim, se for necessário for e você me perguntar e eu souber responder estou pronto pra responder.

Jaqueline: Pronto, pois eu agradeço muito, eu creio que a nossa conversa vai ser muito gratificante. Desde que eu vim aqui a primeira vez, que eu digo ao senhor que fiquei encantada. As peças, é muito interessante e brevemente, hoje, a universidade em Cuité tem a incubadora que apoia empreendimentos, mesmo informais que trabalham a economia solidária, que não visa tanto o capitalismo, o lucro exagerado, ele visa repartir o dinheiro que sobra, depois como o senhor falou, que paga o imposto, paga “isso” e paga “aquilo”, aquele outro restante é dividido entre todos, então assim, brevemente vai abrir uma sala na universidade pra venda de materiais, produtos de economia solidária, inclusive Professora Crislene, que ela é da universidade de Campina e lá em Campina tem uma lojinha de economia solidária e outro dia eu conversando com ela, ela disse, olha, qualquer coisa, se for o caso, se ele se dispuser a levar uma peça pra tentar vender, pode ficar à vontade, qualquer coisa quando abrir, eu entro em contato com o senhor e se, por acaso der certo, a pessoa leva uma pecinha para fazer a propaganda, divulgar porque eu fiquei incrível, porque eu moro aqui na localidade há quase cinco anos e eu vim descobrir essa cooperativa há nem um ano, porque infelizmente a divulgação e tem a questão de manusear, que pra fazer também é muito trabalhoso, mas a divulgação a gente sabe que é o ponto principal. Qualquer coisa, quando abrir eu entro em contato com o senhor e se o senhor interessar a gente tenta até vender alguma peça para ver o que acontece viu, muito obrigada, eu agradeço e qualquer coisa venho aperrear de novo. (risos)

Duda: Pronto, obrigado também, fale com a professora e se tiverem mais alguma dúvida e for necessário a gente responder, “tamos” à disposição e se for o caso precisar a gente ir lá também dar uma entrevista de um ponto de apoio e qualquer coisa estamos prontos pra ir, o que a gente souber responder como eu já disse, responde, que se tem a pergunta tem que ter um motivo de ser respondido.

Jaqueline: Pois muito obrigada viu seu Duda.

Duda: Obrigado também!

APÊNDICE 4: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é JAQUELINE SILVA NASCIMENTO e gostaria de conversar com o(a) senhor(a) sobre uma pesquisa que estamos fazendo pela UFCG. Esta pesquisa é sobre as práticas de economia solidária desenvolvidas na Cooperativa de Produção Artesanal do sítio Cuiuiú, Barra de Santa Rosa, PB. Um dos objetivos desta pesquisa é conhecer melhor a forma de trabalho, analisar e diagnosticar as características dos cooperados e suas práticas diárias na referida cooperativa.

Caso concorde em participar da pesquisa, será realizada uma entrevista com o(a) senhor(a), onde serão perguntadas informações sobre a forma de como vocês trabalham na organização, produção e venda das peças artesanais na Cooperativa de Produção Artesanal do sítio Cuiuiú, Barra de Santa Rosa, PB.

Este trabalho está sendo realizado pela Universidade Federal de Campina Grande, sob o título "Cooperativismo e economia solidária - diagnóstico de práticas na cooperativa de produção artesanal do Cuiuiú" e não tem nenhuma relação com governo ou outra instituição. Nossa finalidade única é obter informações sobre as práticas de Economia Solidária desenvolvidas na Cooperativa de Produção Artesanal do sítio Cuiuiú, e, dessa forma, a participação do(a) senhor(a) não implica em nenhum benefício material como o recebimento de doações de alimentos ou a inclusão em programas governamentais.

O(a) senhor(a) não é obrigado(a) a participar da pesquisa e se não participar isto não vai lhe trazer prejuízos. O(a) senhor(a) poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e por qualquer motivo.

Os resultados deste trabalho deverão ser divulgados em revistas científicas, mas com a garantia de que, em nenhuma circunstância, as identidades dos entrevistados serão identificadas.

Se todas as suas dúvidas foram esclarecidas, pedimos o seu consentimento para incluí-lo(a) como participante da pesquisa. Se tiver qualquer dúvida sobre o estudo, pode entrar em contato com a coordenadora da pesquisa Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos.

Responsável pela Pesquisa

Jaqueline Silva Nascimento

Orientadora da Pesquisa

Profª Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos

Universidade Federal de Campina Grande/ Centro de Educação e Saúde /Unidade Acadêmica de Educação

Tel: (83) 3372-1900

AUTORIZAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____,
 declaro que fui devidamente esclarecido(a) e concordo em participar da pesquisa "Cooperativismo e economia solidária - diagnóstico de práticas na cooperativa de produção artesanal do Cuiuiú" e com a publicação dos resultados.

_____, _____ de _____ de 2016.

 Assinatura do entrevistador

 Assinatura do(a) entrevistado(a)

 Assinatura da testemunha

SITES DE DIVULGAÇÃO E VENDAS DA COOPERATIVA CENTRO ARTESANAL DO CUIUIÚ

Anexo 1 – Site Centro Artesanal Cuiuiú



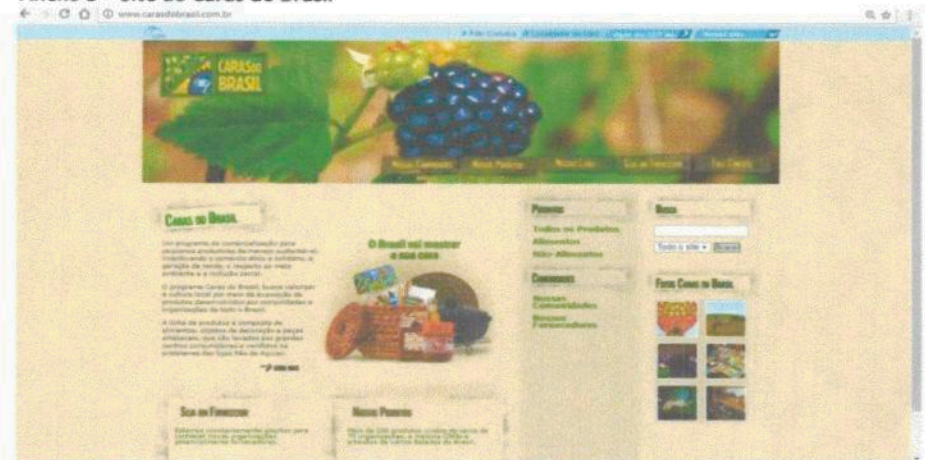
Fonte: www.coopercuiuiu.com.br(2016)

Anexo 2 – Site do Prêmio Top 100 de Artesanato



Fonte: www.top100.com.br(2016)

Anexo 3 – Site do Caras do Brasil



Fonte: www.carasdobrasil.com.br